

2ª PARTE

Poesia

RÉQUIEM PARA UM ANJO ADORMECIDO^(*)

(À memória de José Albano)

Artur Eduardo Benevides

He was not of an age, but for all time!
(Ben Jonson, versos dedicados a Shakespeare)

1

Poeta é o que tu foste e soberano,
Com metáforas ricas, rimas raras.
Em sonetos de Amor e canções claras
Louvaste a tua paz, mesmo com engano.
 E do áspero destino vieram searas
 De luz sobre o teu verso camoniano.
 Celebraste teu Canto ao triste dano
 De não teres em ti tudo o que amaras.
Foste um poeta maior. Um novo Orfeu.
Em tua nobre vida a alma brilhou
E, na glória do Amor, Amor nos deu.
 Andarilho, teu sonho nos sonhou.
 Errante, embora, teu olhar não creu
 No desespero e em Deus se conservou.

2

Agora, aqui me tens, ó doce Albano,
Lembrando o teu destino e tua glória.
E repito teus versos, de memória,
Que mais se tornam belos, de ano a ano.
 Contemplaste a existência em desengano.
 Jamais te preocupaste com vitória.
 A solidão foi linha divisória
 Em que escondeste os passos de cigano.
O mundo fez-se surdo ante as canções.
Ilhado em dor e em fé, não percebeste
Que cantavas tão bem quanto Camões.

(*) Poema laureado com o Prêmio "José Albano", instituído pelo Governador do Estado para comemorar o cinquentenário de morte do poeta

Pastor de muitos sonhos, não morreste.
Pastoriais os puros corações
Que acreditam também no que tu creste.

3

Tua beleza pálida, sem atrito,
Em silêncios guardava madrugadas.
Inventadas estranhas Bem-Amadas,
Transfeitas, por imagens, em teu mito.
 Polvilhadas de sonho, havia estradas
 Em teus versos tocados de infinito.
 Ocultavas do mundo um grande grito,
 Iluminando as dores nas baladas.
Em teu gesto de ser havia o medo
De um tempo amargo, vão, contraditório
E cheio de maldade e de degredo.
 Teu Canto universal foi ofertório
 Ao puro Amor perdido em vil rochedo,
 Transcendente, cruel, belo, ilusório.

4

Entre as cousas mais belas que tu amavas
Lembro a língua gentil em que fazias
Redondilhas de luz e alegorias
Em que ternas visões nos propiciavas
 Não tiveste por certo as alegrias
 Que fáceis nunca chegam. Não nas davas.
 E nos temas tão altos que cantavas
 Parecias um novo Jeremias.
Mas teu pranto de Amor e de beleza
Escorre em nosso peito como um rio
E em pétalas se salva, com leveza.
 Eras triste qual árvore no estio.
 E assim te conservaste com grandeza,
 Mesmo vivendo errante e em desafio

5

Quem lê os versos teus sente-se puro.
És estrela brilhando nos caminhos.
Se mais louvor houvera, mais carinhos
Por certo já os terias. É o que juro.
 És ave imaginária sobre o muro
 Plantado entre os amores e os espinhos.
 Bebemos os teus versos como vinhos
 E ainda os amaremos no futuro.

Lembramos teu monóculo, teu porte
De rabi, em cultura extraordinária,
Na paz cinqüentenária de tua morte.
 Relembramos tua vida legendária.
 Teu claro olhar tão firme, sóbrio e forte
 E tu'alma sofrida e solitária.

6

Tempos passem, que as neves se processem
E tudo mais nos venha repetido,
E ainda escutaremos o gemido
De teus versos que em nós reamanhecem.
 Tuas canções são fontes. Não as esquecem
 Aqueles cujo ser está ferido.
 Teu Canto com esperanças foi tecido
 E as cousas que são belas não perecem.
Quinhentista num século de loucos
Honras te deram. Foram entanto poucos
Os que souberam ver-te nas ações.
 Mas eterno serás. Teus grandes poemas
 Envolvem-nos com a flor de velhos temas,
 Transfigurando o Amor nos corações.

7

Que mais dizer de ti, poeta agosto,
Se contemplaste o eterno com freqüência?
Sabendo da poesia toda a ciência,
Entre pedras creceste qual arbusto.
 Nas Rimas, tens mistério, em larga essência.
 São linguagem de peito claro e justo.
 Tão imenso tu és que, a muito custo,
 Aceito-te perdido em tua ausência.
Se te leio, renasces, mestre ilustre,
Em teu Canto geral e pluriforme,
Com tristeza de pobre flor lacustre.
 Teu verso é tão perene quanto enorme
 E sente que és grandioso quem perlustre
 A pavana de Amor que em nós se endorme.

8

Seresteiro das cousas mais sagradas
E de sonhos e seres que não morrem,
Teus lamentos, profundos, nos percorrem
Como os ventos percorrem as madrugadas.

Tuas cantigas crescem e nos socorrem.
São palavras de fé, são como enseadas
De brumas e de rosas restauradas
Pelo prantos que chegam e em nós desmorrem.
Quem ouve tua voz jamais te esquece.
Teu grave e doce Canto nos embala.
Teu recado de Amor em nós padece.
Tua endecha de prata é longa escala
De música e de cor em que se aquece
A lágrima perdida que nos cala.

9

De sonhos e de Amor enlouqueceste.
Em ti os girassóis vivos e ardentes
Que feriram Van Gogh eram nascentes
Dos rios de beleza em que viveste.
Tuas mãos ofertaram os mais pungentes
Versos de solidão. E assim sofreste.
Por isso é que, sepulto, não morreste
Nas esparsas e coplas surpreendentes.
Artista da palavra, mestre em rimas,
Cantaste como um pássaro de Deus,
Ou um vinhateiro amando mil vindimas.
Teus versos foram grandes camafeus
Com que do eterno mais tu te aproximas
E nos salvas a nós, os Prometeus.

10

Perdoa-me se a voz com que te canto
É pequena demais para louvar-te.
Não tive, igual a ti, o engenho e a arte,
Nem do claro Camões herdei o manto.
Mas tomo para mim teu estandarte,
Ó grande trovador de infindo encanto,
Que roubaste às estrelas o acalanto
E derramaste luz em toda parte.
Cinqüent'anos se vão que tu partiste,
Humilde e só, perdido e peregrino,
Mas tudo o que cantaste ainda resiste
Às estilhas do tempo e do destino
E teu verso nas almas sobreexiste
Com a doçura de etéreo e velho sino.